



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições de Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 405 (50 reis)
Semestre 230 (300 reis)
Um ano 360 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactel Barbosa

Numero avulso \$01 (10 reis)

O CONGRESSO DO FERROL

Realiza-se no fim deste mês um congresso internacional, operário e revolucionário, contra a guerra.

Os congressistas nem levam a missão diplomática de firmar a paz, retalhando os Estados e distribuindo territórios, nem vão certamente «decretar» a cessação das hostilidades por meio da greve geral e da revolução.

Tratando dos «meios mais rápidos de terminar a actual guerra europeia», o Congresso só poderá aconselhar ao proletariado os meios de que eles dispõem, comprometendo-se cada congressista a trabalhar enérgicamente nesse sentido. E esses meios não podem ser senão tôdas as formas de acção directa e de agitação popular.

Para o povo produtor que pretende emancipar-se do jugo das castas que o exploram, oprimem e conduzem ao matadouro, a paz não deve ser uma escura combinação entre os abutres e entre os tubarões: há-de ser a afirmação constante e terminante da solidariedade internacional dos trabalhadores, em luta contra os seus inimigos internacionais, há-de ser a explosão ou o rugir ameaçador do espirito de revolta, fecundando o terreno dos descontentamentos da massa.

Que se poderá fazer nesse sentido?

A circular convocatória sugere a ideia duma boicotagem dos países beligerantes pelo operariado dos países neutrais: empreendimento êsse que necessitaria do concurso de vários países, de modo a atingir igualmente todos os Estados em luta e que poderia talvez apoiar-se no interesse popular em impedir a exportação dos gêneros de primeira necessidade. A ser possível, êsse acto, ainda que fôsse incompleto, poderia ao menos ter o valor duma afirmação retumbante e dum protesto clamoroso.

Seja, porém, qual for o grau de praticabilidade de cada projecto, o que é preciso é fazer alguma coisa, é protestar o mais ruidosamente possível, sacudir uma inércia que pode parecer culplicidade; e o que é ainda preciso é ter confiança no esforço próprio, é não o anular de antemão com um scepticismo regelante de descrente ou despeitado.

A ordem do dia proposta insere em seguida esta questão: «nova orientação a seguir depois, para evitar

tais crimes de lesa humanidade».

A nosso ver, os acontecimentos demonstraram deslumbrantemente que essa orientação a seguir, para servir eficazmente a causa da emancipação social, só pode ser «nova» para os que arrastaram o proletariado para o pantano do parlamentarismo, do corporativismo estreito e exclusivamente reformista e do contraditório e enervante patriotismo socialista.

A presente guerra mostrou a evidência o absurdo e o perigo da distinção entre guerras «ofensivas» e «defensivas»—armadilha governamental em que caíram homens inteligentes, sinceros e bem intencionados e em que cairá sempre a grande massa, inteiramente ignorante dos mistérios da diplomacia e juguete fácil da imprensa que monopoliza a opinião. Nenhum movimento revolucionário sério se poderá jamais basear nessa distinção praticamente impossível; nem no ilusório e sempre fácil pretexto da defesa dum Estado democrático por meio da guerra, que traz sempre, vencida ou vitoriosa, as piores consequências para as liberdades populares, sobretudo se à guerra e seus factores se não opõem ardentemente as forças de revolução e de progresso.

Quanto ao «desarmamento geral dos exércitos permanentes», aos quais estão presos tam poderosos e numerosos interesses, para o obter seria necessário um esforço tam grande como o da revolução social para abolir o Capitalismo e o Estado; e se êsses subsistissem, embora com forma democrática e pseudo-federal, não haveria mais do que uma substituição: os exércitos de serviço forçado cederiam o lugar a milicias manobradas pelos governos, detentores das armas e dos comandos, e a fortes gendarmarias para uso interno, tôdas compostas de profissionais disciplinados e predispostos.

O caminho a seguir para o futuro é a acentuação da nossa acção anticapitalista e antiestatal, antipatriótica e antimilitarista, sem compromissos, nem equívocos, nem escapatórias.

E se o Congresso do Ferrol conseguir pelo menos uma afirmação ruidosa nesse sentido, que sirva também para neutralizar o efeito da atitude de certas individualidades, já terá desempenhado um papel importantíssimo. O mais urgente, nesta hora, é estabelecer e scindir responsabilidades.

O internacionalismo faliu? Não

Certos arrivistas burgueses, apreciando a conflagração europeia, afirmam que o internacionalismo faliu.

Para reforçar as suas asserções, escudam-se no facto do socialismo francês incitar os seus partidários a pegar em armas e deixar que representantes seus façam parte do ministério; no facto de Vandervelde, o fogoso agitador das massas para o sufrágio universal, estar ao lado do ministério composto de católicos e andar de braço dado com o rei Alberto, o rei socialista, como muita gente o diz.

Efectivamente, vistas as coisas de relance, para os que não estão habituados ao estudo profundo das coisas, parece que se devia dar razão aos graves arrivistas.

Mas não; o internacionalismo não faliu. O povo alemão, como o povo francês desejava no seu íntimo a paz, a felicidade de viver de bem com o seu semelhante. Mas uma corte de intrujões, estribando-se no perigo russo e no perigo alemão desviaram os sentimentos de solidariedade da maioria do trabalhador, encaminhando-a para a guerra, empurrando-o para a morte, devido a uma propaganda nefasta durante 50 anos.

O partido socialista alemão, logo após a guerra de 70, inscreveu no seu galhardete doirado o lema patriótico da preparação para a guerra, como uma coisa indispensável, necessária para a felicidade integra do proletário alemão. «Ah, nós devemos contar com a desforra de além Reno», diziam primeiro; e depois acrescentaram: «A desforra da França temos de juntar a ameaça russa». De maneira que o partido socialista alemão serviu sempre ás mil maravilhas a politica absorvente do kaiser, o seu sonho refulgente de dominar o mundo, de ser um Napoleão todo amoderado.

Os dirigentes desse partido foram uma excelente arma nas mãos da diplomacia burguesa. Os diplomatas anunciavam o enorme perigo preparado nas chancelarias; os chefes socialistas desciam ás massas a apregoa-lo, e a aconselhava-las a que não resistissem aos sacrificios pedidos pelos governos do kaiser. «São precisos muitos canhões e muito dinheiro; vós deveis contribuir para tudo isso».

E para amortecer as iniciativas, para amarfahar as ideias revolucionárias, transformaram os sindicatos em associações de socorro mútuo, guiaram os trabalhadores para as cooperativas de consumo, fizeram dêles um rebanho de carneiros, que se movia segundo as ordens da direcção central. Só tinham um dever: o de pagar e de votar; só tinham um direito: o de receber auxilio monetário, se fossem sócios, quando dêle necessitassem os estatutos o permitissem.

No parlamento, os deputados socialistas votaram o orçamento da guerra, aumentando-o, porque era necessário. Obedecia essa tática á boa diplomacia partidária; assim, diplomacia burguesa e diplomacia socialista completaram-se.

Com os socialistas franceses sucede o mesmo. «Sim—dizem eles—nós reconhecemos que devemos estar preparados para a invasão alemã, porque o triunfo d'esta é o aniquilamento da liberdade na Europa», justamente como os socialistas alemães dizem que uma vez a Rússia vitoriosa raiaria por sobre a cabeça dos europeus a mais desenfreada tirania militarista e autocrata. Da mesma maneira que os chefes so-

cialistas tudescos mantiam, de acordo com os diplomatas governamentais, ao povo germânico, os socialistas franceses intrujavam o povo francês. «Somos patriotas, desculparam-se por vezes nos momentos de arrufo e de desconfiança,—porque os nossos camaradas do outro lado do Reno nos forçam a sê-lo. Se eles collocaram acima do socialismo a sua qualidade de alemães, não podemos tambem deixar de reconhecer que primeiro que socialistas somos cidadãos franceses».

E zâs! aconselha-se o povo a que aceite a guerra, porque batalhar contra a Rússia é defender a liberdade; e zâs! aumentam-se os créditos de guerra, fecham-se os olhos á draconiana lei anti-militarista, a proposito da lei dos 3 anos; escala-se o poder; reprime-se violentamente a propaganda contra a guerra; consente-se que se exerça a mais vil das censuras; concorda-se que aos revolucionários se ameacem coma prisão está com a pena de morte; que aos católicos se dê a mais ampla liberdade de acção; e que a imprensa desafeta á guerra seja suprimida, entre ela um jornal socialista russo tirado em Paris, com a desculpa de que o ministro russo se mostrou descontente e que, por consequência, era preciso continuar amistosamente de acordo com a politica czarista e sustentar as boas e leais relações diplomáticas com a Rússia que, santo deus, actualmente tambem se enfileira ao lado dos liberais. Tudo isto para não deixar cair o progresso nem a liberdade!

Não foi, pois, o internacionalis-

Clemente Vieira dos Santos.

ENQUANTO DURA A CARNIFICINA

Já que por ora não podemos fazer coisa melhor, discutamos.

Mas discutamos serenamente, decentemente, sem suscitar infundadas suspeitas sobre os motivos dos contraditores. Discutindo assim, se não pudermos pôr-nos de accordo, conseguiremos pelo menos esclarecer a natureza e os limites do desacordo. E isso será útil para quando chegar o momento—que chegará certamente—em que será possível agir de modo eficaz e nos havemos de ver novamente unidos, no terreno de outros factos concretos, com muitos daquelles de que estamos hoje nitidamente separados na questão da guerra europeia.

E comecemos por eliminar os artificios polémicos e os vãos retóricos, que podem servir para confundir ou irritar as pessoas, mas nada demonstram.

Os revolucionários que julgam útil a participação na guerra em favor da aliança franco-anglo-russa prodigalizam-nos, a nós que, fiéis ás ideias e á tática por nós defendidas antes da guerra, somos, não já neutrais, mas inimigos de ambas as partes beligerantes, os qualificativos de fôsseis, dogmáticos, dominicanos. Poderíamos responder tratando os outros de viracacas e ficarmos quietes. Quietes na capacidade de injuriar e quietes na falta de razões sérias; pois o facto de haver mudado ou não de opinião não basta para demonstrar que uma pessoa tenha ou não razão. Que diriam os nossos contraditores, que continuam a ser adversários irreductiveis do obscurantismo religioso, se lhes chamassem fôsseis e muçulmanos os que, desorientados pela guerra, sentiram em si referver o misticismo atávico, pondo-se a namoriscar com os padres?

mo revolucionário que faliu. O que faliu, ou que está para falir, foram os processos ridículos dos socialistas legalitarios; o que faliu, ou que está para falir, foi a diplomacia socialista adoptada no parlamento, manifestada nos pactos parlamentares entre as facções políticas e grupos governamentais; perfilhada nas intrevistas com os governos, com os reis e com os presidentes de república; exercida nos concluios de secretaria partidária e eutornada impudicamente sobre as almas ingénuas dos crentes.

O internacionalismo e as aspirações revolucionárias não faliram. Ha engano. O que faliu, ou que está para falir, foram as tristes e fúnebres personalidades que serviram implicitamente os desígnios da alta bolsa, do alto commercio, da alta industria e da alta politica; os que, durante anos e crimonosamente, iludiram as massas proletárias.

Nos países beligerantes reclama-se pão e paz; e a revolta germina em todos os espíritos, porque uma boa parte das pretensões e crimes diplomáticos vão-se revelando pela própria boca dos fomentadores da guerra, succedendo-se os tumultos.

E' atendendo a esta despertar de consciências, que se torna imperferível apontar ao povo enganado pela dura lição os seus falsos aduladores, aquêles que ajudaram a encobrir as verdadeiras causas da guerra.

E uma vez repellidos retumbantemente os falsos apóstolos da acção popular, succeda-se o rebustecimento revolucionário, e varemos então qual foi o internacionalismo que faliu.

provam apenas o mau gosto e a má criação de quem as emprega, e nem sequer mereceriam ser notadas, a não ser por causa do rasto de rancores que deixam.

I. A NOSSA TAREFA

Os nossos amigos intervencionistas (falo dos amigos, isto é, dos que na intervenção em favor da França e da Inglaterra vêem uma necessidade de defesa contra o despotismo tedesco e um meio de derribar o militarismo e criar um ambiente de liberdade favorável à luta pela revolução social, e não dos guerristas que miram a substituir um imperialismo por outro e que nos são tão odiosos como os despotas de Berlim ou de Viena), os nossos amigos intervencionistas parecem não compreender as verdadeiras razões da nossa igual hostilidade às duas partes combatentes. E pensam que nós, cegos e surdos a todos os motivos pelos quais o mundo caminha por uma via que não corresponde exactamente a nenhum programa ideal, sacrificamos a realidade às «fórmulas» e, não podendo fazer a anarquia directa e imediatamente, preferimos ficar inertes. Juízo estranho deveras, quando formulado por quem nos conhece e sabe como sempre combatemos toda a filosofia fatalista e adormecedora, partisse embora do campo socialista ou do campo anarquista.

Afirmam que somos hostis aos governos da França e da Inglaterra tanto como aos da Alemanha e da Áustria, por entendermos que todos os governos se equivalem; e esforçam-se por nos demonstrar que, se é certo que todos os governos são maus, também é certo que o não são todos no mesmo grau.

É uma velha questão que, apesar das imprecisões da linguagem corrente, já deveria ser clara para quem está informado das ideias e da tática dos anarquistas.

Sabemos perfeitamente que há diferença; e não precisamos de fazer grandes esforços para nos persuadir de que é melhor ir para a cadeia do que ser enforcado, e que estar na cadeia um ano é melhor do que lá estar dez. A razão da diferença, mais do que na forma de governo, reside nas condições gerais, económicas e morais, da sociedade, no estado de opinião pública, na resistência que os governados sabem opor às intrusões e arbitrariedades das autoridades; mas certamente as próprias formas, que são aliás resultado das lutas sustentadas pelas gerações passadas, têm a sua importância, enquanto são um obstáculo mais ou menos poderoso nas lutas contemporâneas. É a missão do historiador estudar objetivamente os factos e suas causas; é tarefa sua dizer-nos, por exemplo, que em dada época em França havia mais liberdade do que na Alemanha, que em determinado país sob a república havia menos restrições que no tempo da monarquia.

Mas a nossa tarefa, de nós que lutamos pela liberdade integral e sabemos que todos os governos devem pela sua lei de vida opor-se à liberdade, é procurar derribar o governo e não melhorá-lo:—convencidos, aliás, de que, mesmo sob o ponto de vista reformista, é este o melhor meio de estranhar o governo a fazer concessões, sem paralisar a luta e sem comprometer o futuro.

Na prática, para nós o pior governo é sempre aquele sob o qual nos achamos, aquele contra o qual mais directamente combatemos.

Quando os cosacos da Itália assassinam os manifestantes, invocamos a revolta contra eles e contra o governo que eles servem; e não estamos a pensar que na Rússia, em circunstâncias semelhantes, teriam matado maior número de pessoas.

Só com a condição de olhar sempre em frente, de aspirar sempre a melhor, é que podemos ser revolucionários e progressistas; se não, teríamos que estar sempre contentes com tudo, pois sempre se encontra um lugar onde estão pior do que nós, ou uma época em que estavam pior do que hoje. Seria o estado de espírito daquela velha que, havendo partido uma pena, dava graças a Deus por não ter partido as duas. E é afinal o estado de espírito de todos

os conservadores sinceros, que renunciam ao melhor com medo do pior, e não querem caminhar para o futuro com receio de que volte o passado.

Não é, pois, verdade que ignoremos as graduações e a relatividade das coisas humanas. Estamos sempre prontos a dar o nosso concurso a tudo o que, em nossa opinião, constitui um progresso, a tudo o que nos avizinha do nosso ideal de justiça, de liberdade, de solidariedade humana. Mas não queremos, por amor de mentirosas palavras, fechar os olhos à evidência e seguir a bandeira de quem o inimigo é nato da liberdade e da justiça. Não queremos, para falar do nosso caso concreto, fiados nos discursos oficiais, apoiar os governos da França e da Inglaterra, que não somente são, eles próprios, bem liberticidas, mas ainda com o pretexto de abater os tiranos de Berlim e de Viena, pretendem pôr-nos ao serviço do despota russo.

ENRICO MALATESTA.

No próximo número:

II. Os fins e resultados da guerra.

Os jovens Sindicalistas Franceses

O *Despertar*, órgão mensal das Juventudes Sindicalistas portuguesas, incluiu no seu último número a publicação provisória do boletim das Juventudes Sindicalistas de França—*Le Cri des Jeunes Syndicalistes*, que ocupa toda a terceira página.

Entre os artigos desse boletim em francês, notamos o que é encimado pela epigrafe *A propos de sabre*. O autor desenvolve o poderoso e inofensível argumento que por nosso lado temos empregado e que temos visto em todos os jornais revolucionários: o mal que para a propaganda, para o futuro do movimento revolucionário, resultará da adesão de antimilitaristas a uma guerra de Estado.

A guerra, diz ele, até hoje considerada como o mais monstruoso atentado contra a classe operária passa a ser a sua única tábua de salvação. (Que significavam então as apóstrofes contra as carnificinas, os conselhos disfarçados de deserção ou revolta, os virulentos ataques ao militarismo? As *casas camaradas* não previam o cataclismo, então devem estar gratíssimos aos prudentes burgueses, muito mais advinhos e perspicazes. Se previam, porque não aplaudiam as medidas tendentes a aumentar as forças defensivas dos Estados que iam ser baluartes da civilização ameaçada?)

Em suma, a classe operária não pode aceitar guerra alguma, mas pode ser constrangida a aceitar determinadas guerras: donde necessidade para ela de combater todo e qualquer militarismo e de reverter a ele sendo preciso. Temos, pois, que talhar um quinhão para a espada. Atraente perspectiva!

O autor espera, como nós, que, finda a luta, muitos erros se dissiparão.

UM PROTESTO

A classe operária de Silves tendo conhecimento que o *Jornal da Noite de 7 do corrente, folha monarchica, publicou uma carta onde Antonio da Silva Pena Paralta dava a sua adesão ao partido monarchico, precisamente na ocasião em que este senhor estava em Lisboa tratando da crise de trabalho desta cidade e da carestia da vida, levanta o seu veemente brado de revolta por este sujeito passar de avançado a monarchico catolico no momento em que se debatia a fome e não a politica.*

Em face do exposto, vem a classe operária de Silves declarar que já deante do ex-anarquista significou o seu desprezo e incompatibilidade, recusando-se a aceitar-lhe os mais insignificantes serviços; e por meio da imprensa avisar todos os seus camaradas do mau procedimento deste individuo; e repellido toda e qualquer solidariedade com tão indigno sujeito, protesta contra a sua desgraçada attitude que certamente será condenada por todas as classes operarias.

Pela Associação Corticeira de Silves, Hermenegildo Thomaz Ribeiro, Diogo dos Santos Caetano, João Silvestre, Antonio d'Oliveira, e Sebastião Marques.

Provar o evangelho por milagres, é provar um absurdo por coisas contrárias à natureza. Diderot.

SOBRE O CONGRESSO DO FERROL

Está á porta o Congresso do Ferrol. Há todas as esperanças para que desse Congresso Internacional saiam acordos práticos tanto no sentido de se preparar um forte obstáculo a que a monstruosa guerra continue, como para qualquer resolução que se tome no sentido de se combinarem forças que não-de exercer uma acção favorável, a todos os respeito, ao incremento que em vários países está tomando o espirito de rebelião, que neles, por varias causas, se vai desenvolvendo. Insistir nestas benéficas probabilidades é desnecessário. Elas apresentam-se claramente a todos os revolucionários sociais. Pelo que, particularmente, diz respeito ao proletariado dos dois países peninsulares, escusado será igualmente encarecer a necessidade, ha muito sentida, de estabelecer um entendimento entre si, tão próximas, e em muitos casos comuns são as suas necessidades e aspirações.

Tudo quanto se conseguir fazer naquele sentido é de absoluta necessidade; e está ainda avulsa mais se considerarmos que de um dia para o outro pode surgir, inesperadamente, um conflito entre os dois países, provocado pelos respectivos governos; e os dois povos, sem se odiarem, sem conhecerem as causas dum provavel conflito e sem para essas causas terem em nada contribuido, podem ser arremessados um contra o outro, chacinarem-se mutuamente, para apenas satisfazer ambições e desejos de conquista, embora estes sejam capciosamente encobertos com sofismas mais ou menos habéis afim de que cada povo acredite simultaneamente que vai á guerra e se bate porque foi o primeiro a ser ofendido e que por isso defende a sua independencia—á semelhança do que procuraram fazer os governos das nações em luta na Europa.

Não é em vão, pois, que o Ateneu Sindicalista do Ferrol promove a anunciada reunião internacional. Não é nem foi em vão, porque a necessidade que aquela instituição revolucionária sentiu, sentiam-na igualmente os revolucionários e os organismos operários de vários países como o demonstram as adesões a esse Congresso dadas pelas entidades do nosso n.º passado noticiadas, alem de muitas outras que sabemos já terem sido enviadas para Ferrol.

No passado domingo reuniram-se os sócios do Centro Instrutivo de Propaganda Libertaria; apreciaram devidamente o assunto e resolveram que o Centro se fizesse representar por um delegado directo, acordando em que esse delegado fosse o camarada Ernesto Cardoso.

Tambem os Grupos «Aurora Social» e «Propaganda Libertaria» asentaram em que os representasse no mesmo Congresso o camarada Antonio Alves Pereira, o qual representará igualmente a «Aurora».

A convite do «Grupo de Propaganda Libertaria» reuniram no passado domingo os anarquistas do Porto, agrupados ou não, para deliberarem sobre a adesão ao Congresso do Ferrol.

Por um dos membros daquele grupo foi exposto o assunto e sobre o mesmo manifestaram-se diversos camaradas presentes, resolvendo-se que os anarquistas se fizessem representar pelo camarada Serafim Cardoso Lucena.

Para ocorrer ás despesas com a delegacia do Norte, acordou-se que fossem abertas subscrições, constituindo-se, para levar essa resolução a efeito, um comité composto de nove camaradas. Por ultimo assentou-se em que se fizesse novo convite a todos os camaradas e grupos, para se trocarem opiniões sobre a missão a desempenhar pela delegacia anarquista do Norte no Congresso do Ferrol.

CONVITE

Convidam-se todos os camaradas não agrupados assim como os grupos anarquistas do Porto e arrabaldes a comparecer hoje, 25,

pelas 10 horas da manhã, na redacção da «Aurora», rua Formosa, 242-2.º afim de se concluirem os trabalhos encetados na reunião de domingo sobre o Congresso do Ferrol,

Notas de perto

II

Meu caro C.

São tantos os edificantes trechos e referencias que desejo traduzir, transcrever e oferecer-te, que mal sei por onde devo principiar. Os diários livraram-me, porém, do apuro, pois derram-me a noticia de que no dia 8 p.p. passára o aniversário do rei Alberto, da pobre Bélgica, e que muitos e cotados portugueses lhe enviaram saudações.

Ora sabes tu, ou tens ouvido alguma coisa sobre esta personagem, sua vida ou suas obras, que o tornem crêdor de uma saudação? Claro, que não te pergunto se lêste o livro tam réclamado que dizem ser das suas próprias memórias. Ele, ali, não se refere aos horrores que se cometeram no Congo, que ele herdou do seu predecessor e de que ele tambem é rei, como tambem não se refere á honesta forma como ele acumulou a sua fortuna á custa do suor do pobre povo belga de quem ele é o mais alto representante.

Saudar o rei Alberto! Ele é o mais rico de todos os reis e pelo muito que ama o seu povo ainda da sua fortuna não saiu um centil para lhe amenisar uma dôr, atenuar uma miséria.

Mas, queres ver? Rothschild é rico, Vanderbilt é rico, Pierpont Morgan era rico; mas o rei dos belgas, com sua enorme fortuna, é tam rico como estes três milionários juntos. Os seus rendimentos anuais são (seriam, devia dizer-se) suficientes para prover ás necessidades de todos os belgas.

Assim, «a nossa simpatia pela miséria parece variar com as circunstâncias. Em 1910, quando os mineiros de Charleroi foram canhoneados com os Maxim do seu próprio governo, nós, os... não tivemos um vintem para oferecer, nem tampouco um palavra de simpatia para os pobres grevistas. As mulheres podiam chorar a morte dos seus maridos e dos seus filhos, dos pais que nunca mais tornariam a ver. Para elles não tivemos então uma expressão de simpatia, nem um reconhecimento para a sua grande luta, nem um vintem para os auxiliares.

«A morte nos campos de batalha não é mais terrivel do que a fome e a miséria. Charlyele disse que morrer é uma pequena coisa; a coisa terrivel é o viver sem saber o que o amanhã produzirá. Nem um vintem devia ser votado para auxilio dos destituídos de fóra—e este dinheiro é meramente uma oferta ao governo belga—até nós divirmos um projecto para aliviar, mos a miséria, a destituição, a fome dos de dentro».

«... um governo responsavel por horrores que não tem sido excedidos pela propria Rússia, um governo amaldiçoado com as barbaridades do Congo, onde o sangue foi derramado sem limite a fim de que a realessa belga podesse adquirir mais riquezas!»

Esse rei, que os cotados portugueses saudaram, disse ao seu povo, em Bruxelas, um dia: «estarei convocado até á última». Já lhe chamaram herói e agora saudaram-no; pois olha que quando a primeira bala alemã caiu em Antuerpia, raspou-se que nem um coelho para Ostende. Morrer era bom para o seu povo...

Lisboa, 13-4-1915.

Teu

H. QUESARIO

O bem que se faz aos homens, por maior que seja, é sempre transitório; as verdades que se lhes revelam é que são eternas. Cuvier.

Mais amostras de liberdade

O desenhador francês Grandjean, que se exilára para a Alemanha em tempos, afim de não sofrer uma condenação, motivada por um desenho publicado em *La Voix du Peuple*, e não ter a sorte do seu colega Delannoy, vitimado por uma doença que se agravou na prisão, voltou á «Pátria» com a guerra, fiado na «união sagrada». Foi preso há dias, como Bartzoff na Rússia. Naturalmente, será solto: retê-lo seria demasiadamente estúpido nesta occasião. Entretanto...

O governo francês suprimiu as restricções feitas á entrada dos jornais suíços em França...

—Ah! ainda bem; af está uma medida liberal...

Mais devagar. Já não obriga os jornais burgueses da Suíça a uma demora (era só isso); mas em paga, por circular de 12 de Março, proibiu a venda do *Réveil*, de Genebra, mandando-o apreender no correio. O *Réveil*, é o único jornal anarquista que se publica actualmente em francês. Desde o começo da guerra, a sua tiragem aumentou muito, tendo grande venda em França, devido á sua attitude intransigente.

O nosso colaborador Henri Zisly escreve-nos o seguinte bilhete, datado de 9 de Abril:

«Caros camaradas da *Aurora*: «Em consequência do caso Prouvost, fui despedido do meu emprego, no qual eu trabalhava há 17 anos e meio; demais sofri uma longa domiciliária e fui interrogado pela autoridade competente; e por último parto esta noite para ser soldado. Tenho 42 anos e meio».

Do caso Prouvost, a que Zisly se refere, já nos occupámos no nosso número de 4 do corrente, no artigo *Em tempo de guerra... de libertação*.

Desta feita é que Zisly fica convencido de que a guerra é de libertação!

Os corvos alemães

Na Alemanha, a guerra só é um mal para os pobres diabos que vão atrás do kaiser, constrangidos pela violência ou enganados com as patranhas do «perigo russo» e da «defesa da patria»: há corvos e tubarões que tiram a maior prosperidade dos successos e que não hão-de sofrer muito com a derrota...

O *Vortwarts*, diário socialista de Berlim, refere que são numerosas as empresas que estão distribuindo aos seus accionistas dividendo, muito superiores aos do tempo de paz.

A fábrica de moagens Roland, de Breme, dá 17 %—o ano passado deu 11 %. As manufacturas de tecidos distribuem 8 %, em vez de 6, ou mesmo mais. A sociedade Richter, de Lipsia, artigos de desporto paga 25 %, em lugar de 10 %.

As moagens de Kulmbach aumentaram 15 %, aos seus preços de moagem, ao passo que outras conservam os preços antigos, o «patriotismo» dos tais aumentos.

A sociedade anónima Mix & Genest teve grandes encomendas de material telephónico e telegraphico para o exercito e realizou em 1914 um liquido de 1.201.725 marcos, em vez dos 293.056 do ano transacto. O dividendo é de 12 em lugar de 4 %, criando-se além disso um fundo de reserva especial de 400.000 m.

Uma sociedade para o comércio de arroz, de Breme, realizou 1.792.973 m., em vez dos 504.415 em 1913 e distribui 10 em lugar de 3 %. O relatório confessa que «no começo do ano os negócios eram maus. Quando estalou a guerra, tínhamos grandes reservas, de maneira que pudemos cumprir todos os nossos contractos no país e aproveitar o aumento de preços devido á guerra. Os preços de arroz sofreram desde o inicio da guerra uma alta de 100 a 150 %». Com que candura e simplicidade é isto confessado! Falta só abençoar publicamente a guerra.

Trata-se apenas de exemplos, que, diz o órgão social-democrático, poderiam multiplicar-se.

O que se passa na Alemanha